

A ECOLOGIA HUMANA DESENHADA PELA REVOLUCAO TELEMATICA: LIBERTAÇÃO OU ALIENAÇÃO?

Luciano Sérgio Ventin Bomfim¹

¹Doutor em Filosofia, Professor da UNEB. lbomfim@uneb.br.

RESUMO:

Marx, em A Ideologia Alemã, desvenda o começo da historia. A Natureza em seu império infinito por suas leis cria o ser humano, e este, assim como Adão e Eva, decide comer o fruto da arvore do saber, e a partir dai perde a tutela absoluta dela, sendo condenado, a ter que reger a própria criação. A primeira mordida no fruto do conhecimento levou o ser humano a criar os meios para garantir a própria sobrevivência. Neste momento, ele deixa de ser uma simples criação reprodutora das leis da Natureza, passando a definir como essas leis vão agir sobre sua vida. A criação de tecnologias é, sob esta ótica, o primeiro ato histórico da espécie humana. Do próprio corpo ao martelo, da roda às maquinas, e destas ao computador e à internet, afirma-se o ser humano como uma espécie que faz a si mesmo. Contudo, como nos ensina o próprio Marx, sob formas sociais distintas, o ser humano, ao mesmo tempo que ontologicamente continua se afirmando como um ser que se faz, produz e reproduz a própria alienação. Em que medida este fenômeno se reproduz na contemporaneidade? - Enfim, a ecologia humana desenhada pela revolução da telemática tem libertado ou alienado o ser humano?

ABSTRACT:

Marx, in The German Ideology, unveils the beginning of history. Nature in its infinite empire by its laws creates human beings, and this, as well as Adam and Eve, decides to eat the fruit of the tree of knowledge, and from there it loses her absolute protection, being condemned, to have to govern the own creation. The first bite of the fruit of knowledge led the human being to create the means to ensure their own survival. At this point, it stops being a simple creature that reproduces the laws of nature, going to define how these laws will act on his life. The creation of technologies is, in this light, the first historical act of the human species. Of the own body to the hammer, of the wheel to the machines, and of these to the computer and internet, the human being asserts himself as a species that makes itself. However, as taught Marx, under different social forms, the human being, while ontologically keeps affirming himself as a being that does himself, he produces and reproduces his own alienation. To what extent this phenomenon is reproduced in contemporary times? - Finally, the human ecology designed by telematics revolution has released or disposed the human being?

1. INTRODUÇÃO:

Em um mundo em que a vida se une tanto à vida, em que as flores amam as flores no leito dos ventos, em que o cisne conhece todos os cisnes, só os homens constroem a sua solidão.
(Exupéry)

Três grandes fenômenos demarcaram o final do século XX: a vitória da filosofia neoliberal ante a teoria keynesiana de Estado; a globalização (financeira) e a terceira revolução industrial, a Revolução da Microeletrônica, e em decorrência

desta, a Revolução da Telemática²⁹. Cada um destes fenômenos emergiu carregado de uma maior ou menor facticidade, bem como de uma maior ou menor carga ideológica. Um fato é inquestionável, eles redefiniram a forma de pensar o mundo e agir nele, pois eles produziram mudanças significativas na estrutura, na dinâmica e nas referências para se pensar a própria existência, já que a vida em geral se tornou mais do que nunca vulnerável, especialmente a vida humana.

O fim da cortina de ferro, a assim ideologicamente denominada divisão do mundo entre comunistas e não-comunistas, materializa um intenso processo de negociação política entre as duas grandes nações oponentes (EUA e URSS), cuja razão principal está nos limites de sustentabilidade econômico-financeira do projeto comunista de Estado, associados às intensas contradições sociais deste regime e seu antagonismo com a liberdade do ser humano.

O processo político social que se desencadeia em todo leste europeu com a Perestroyka e a Glasnov russa põe fim à divisão do mundo entre comunistas e não-comunistas, sinalizando em sua aparência o fim da história e o reconhecimento do Capitalismo como destino inexorável do ser humano. É esta a interpretação do então sociólogo e membro do Conselho de Segurança do Estado norte-americano Francis Fukuyama, o qual, faz a leitura nesse contexto como a realização da tese do filósofo alemão Georg Wilhelm Fridirch Hegel. Contudo, longe da verdade parece estar a interpretação de Fukuyama, pois como bem esclarece Marlus Vinícius Forigo:

O fim da história para Hegel, ou o término dos processos históricos ocorreria quando a humanidade alcançasse a estabilidade proporcionada pelo Estado liberal e constitucional, o único capaz de assegurar a igualdade jurídica e a liberdade, dito de outra forma, o indivíduo, o membro da família, o cidadão pertencente a qualquer classe social estaria representado na esfera do Estado, pois, este sendo o espírito objetivo, é o representante dos interesses de toda a sociedade, uma vez que sua realização é a síntese das contradições existentes na sociedade civil. (FORIGO, 2011, p.136)

29. Como bem discerne Andrade (2015, p.65) "De certo modo, a cibercultura contribuiu para que a informática fosse, aos poucos, perdendo seu status de técnica e se tornando cada [vez] mais presente no cotidiano, sendo incorporada pelos mecanismos de produção, editoração e circulação de conteúdo midiático. O ciberespaço se tornaria um dos principais canais de comunicação no século XXI graças ao mecanismo de digitalização da informação, permitindo que todos os formatos midiáticos ganhassem seus análogos na internet." Mas assumindo um papel cruel no recrudescimento da lógica perversa da exploração, da mais valia relativa e absoluta, bem como, e o que é pior, na autoalienação prazerosa do ser humano.

Sendo assim, mais do que nunca o fim da história estaria distante da realidade, visto que as graves desigualdades sociais existentes no mundo, inclusive nos EUA, dentre as quais o tratamento jurídico desigual dado aos seus cidadãos e a constrição dos direitos de expressão imposta pelos ordenamentos jurídicos nacionais e internacionais não permitia e não permite a qualquer cidadão sentir-se representado na esfera do Estado. Desta forma, a tese de Fukuyama tem apenas este sentido, qual seja, cumprir seu papel ideológico no projeto hegemônico do Capital.

No entanto, esta tese lançada em 1989 produziu efeitos bem sonoros em todo mundo, desde governos à sociedade civil, pois o fim da ameaça comunista aliado ao avanço da filosofia neoliberal nos planos de governo, na formulação de suas políticas públicas, produziu na sociedade civil um estado de incomensurável apatia, a qual, associada à ação ideológica da mídia burguesa, produzia um forte sentimento de derrota política no cidadão. Parecia ao senso comum que Fukuyama teria acertado. Porém, as resistências de setores da sociedade civil organizada ao aparentemente inexorável não tardaram de acontecer e a reação do Capital e de seus representantes nos governos de Estado corresponderam à força que a ideologia neoliberal havia alcançado. Para lembrarmos, citamos o tratamento dado pelo governo FHC à greve dos Petroleiros³⁰.

A tese do Estado Mínimo, locomotiva da ideologia neoliberal, a qual foi a justificativa para medidas descabidas aos interesses públicos e para a omissão estatal ante as misérias sociais, dilui-se no ar, tal como Marx (1968c, p. 465) sentenciou no Manifesto do Partido Comunista, quando desvendou a natureza das relações sociais de produção capitalistas:

Todas as relações congeladas, fixas, com seu cortejo de concepções e representações antigas e veneráveis são varridos, todos os novos tornam-se antiquados antes mesmo que eles possam ossificar. Tudo o que é sólido desmancha no ar, tudo o que é sagrado é profanado e os homens são obrigados finalmente a enfrentar condições reais de vida, e suas relações com os olhos sóbrios.³¹

30 Sobre a Greve dos Petroleiros, indicamos os seguintes trabalhos: http://www.xiijornadahistedbr.com.br/anais/artigos/9/artigo_eixo9_363_1410822581.pdf; <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000376968>

31 “Alle festen eingerosteten Verhältnisse mit ihrem Gefolge von altehrwürdigen Vorstellungen und Anschauungen werden aufgelöst, alle neugebildeten veralten, ehe sie verknöchern können. Alles Ständische und Stehende verdampft, alles

Mas, longe de ser uma tese realista, tal como em Marx, no discurso neoliberal trata-se de uma ideologia, cuja veste é trocada quando se torna conveniente. Desta forma, uma anti-tese desta tese é alçada no mastro central dos Oligopólios, das Holdings, das Corporações, no rol dos grandes bancos, clamando pela responsabilidade do Estado ante a crise financeira desencadeada pelos Bancos em 2007/8, transferindo assim para a contabilidade financeira dos Estados Nacionais o ônus do pagamento de uma dívida zilionária, a qual, apesar de não ter conseguido frear de vez as consequências dessa crise, conseguiu permitir que as economias, ainda que tensionadas, seguissem seu curso, sem que os causadores deste imenso estrago assumissem a responsabilidade pelo que fizeram.

Mas um caso chama a atenção: o da Grécia, cuja dívida explodiu em 2010, gerada por uma fabulosa genialidade perversa dos Bancos Europeus e dos líderes das principais nações europeias, torna o Estado Grego responsável por uma dívida, cujo dinheiro não chegou aos cofres públicos. Como isto aconteceu?

Os países europeus, criaram em 2010 em Luxemburgo uma entidade financeira a EFSF, que passou a operar na Bolsa Valores de Luxemburgo (única Bolsa de Valores que aceitaria que os títulos fossem comercializados em seus pregões, pois tratavam-se de papéis podres, sem valor comercial, produzidos na crise financeira mundial iniciada em 2007/8). No mesmo momento que criam esta instituição, a Comunidade Europeia decide que a situação financeira da Grécia está quase incontrolável e que ela precisa de um empréstimo, visto a crise financeira que se encontra. É por meio daquela instituição que o empréstimo é feito, mas pasmem, o empréstimo não foi de dinheiro, mas sim daqueles papéis podres dos bancos europeus produzidos pela crise financeira de 2007/8

Os bancos europeus depositam os papéis podres que tinham na EFSF e esta comercializa estes papéis com o HFSF (Fundo Helênico Privado, criado por imposição da Comunidade Europeia) com mediação do Banco Central Grego. A

Heilige wird entweiht, und die Menschen sind endlich gezwungen, ihre Lebensstellung, ihre gegenseitigen Beziehungen mit nüchternen Augen anzusehen."

EFSF libera os papéis para a HFSF através do Banco Central Grego, o qual autoriza os bancos privados a emitirem papéis sem garantia e o HFSF compra estes papéis. e o banco central paga os juros, as taxas e todos os demais gastos em favor da EFSF. Enfim, os bancos europeus dilapidam com os cofres públicos gregos, deixando-o ainda endividado e com a fama de estelionatário³².

De lá para cá a tese do Estado Mínimo foi colocada em hibernação, como se nunca tivesse existido, pois a crise financeira de 2007/8 ainda está em curso, sem qualquer sinal de trégua, sendo apenas contida pelas economias dos países emergentes e pela dilapidação do bem público na tentativa dos governos de debelá-las, com a justificativa de defender o dinheiro dos investidores e os empregos da classe trabalhadora.

O grau de vulnerabilidade da vida humana e dos direitos sociais obrigaram todos a pensarem a própria existência e o mundo de uma maneira distinta, e neste sentido a repensar os próprios sonhos e projeto de felicidade.

A grande eficácia da ideologia neoliberal deu-se em função de sua concomitância com um outro processo de proporção também mundial, qual seja, a globalização. Longe de ser esta uma verdade absoluta, a globalização é muito mais uma ideologia que propriamente um fenômeno que tenha conseguido se universalizar em todos aspectos da vida social nos mais diversos lugares. Não, tudo não está globalizado, nem os lugares, nem as pessoas e nem as instituições estão globalizadas. Podemos sim falar em possibilidade objetiva de globalização em termos absolutos, mas não em uma objetividade social mundial globalizada, pois o pressuposto desta universalidade é a inexistência de uma realidade social fundada na produção e reprodução de desigualdades sociais.

Não só a educação, a habitação, a saúde não estão globalizadas, bem como as informações e as fontes produtoras de cultura e informação. O mundo continua sendo uma colônia do Capital dividido em Capitânicas Hereditárias e Sesmarias, e cada Capitão Donatário e responsável por Sesmaria explora e cuida de cada lugar

32 A este respeito favor assistir a Apresentação do Relatório da Auditoria da Dívida grega feita pela equipe da auditora fiscal aposentada da Receita Federal do Brasil e consultora fiscal internacional Maria Lúcia Fattorelli ao Parlamento Grego: <https://www.youtube.com/watch?v=pHt8QgulQNA>.

em função e de acordo com os interesses de reprodução do Capital. Por isto que temos no mundo “globalizado” as mais cruéis e perversas contradições, desde o trabalho infantil, o elevado analfabetismo³³, milhões de sem teto e sem terra espalhados em diversos pontos do planeta até pequenas ilhas de riqueza e abundância, tornando cada miserável e seus bolsões de miséria como se fossem simples produtos de uma gestão inadequada.

Contudo, podemos falar de uma globalização financeira, pois é inegável a existência de um sistema financeiro que opera de forma intensamente migratória e sem vínculos nacionais e cujas ações e implicações desencadeiam efeitos em todas as partes do mundo, nos mais reclusos redutos sociais e lugares desabitados. O capital fictício circula sem parar, fazendo rápidos pousos e decolagens em campos de oportunidades de seu crescimento, transferindo sem piedade quantias fabulosas do setor produtivo, seja pelo atrativo de lucro que ele oferece aos capitais que operam na economia, seja determinando a morte parcial ou total de empresas do setor produtivo quando tais medidas são necessárias à sua melhor reprodução, ou ainda por sua prática parasitária controladora do setor produtivo nas vendas pelo crediário.

O mesmo capital que às 02:00h de um dia se encontra investido em Hong Kong às 08:00h do mesmo dia é transferido para a BOVESPA em São Paulo. Um outro que às 09:00 se encontra investido em empresa de Mineração na África, às 14:00h é transferido para a Bolsa de Londres, às 16:00h para a Bolsa de Frankfurt. Conforme se constata na análise desses movimentos migratórios, um capital fictício pode migrar até seis vezes em um dia de operação no sistema financeiro mundial. Tais migrações que se dão pela venda e compra de ações de empresas que operam nos mais diversos lugares do mundo, produzem consequências jamais vistas e explicitamente divulgadas pela mídia, cujos conteúdos são desemprego, fome, destruição ambiental, guerra civil e etc.

A velocidade com a qual o capital financeiro circula pelo mundo, migrando para os mais diversos lugares do Planeta, comprando e vendendo ações de empresas do

33 Devemos aqui levar em conta também o analfabetismo funcional, visto que a simples decodificação de signos sem a devida interpretação não contribui para a autonomia reflexiva dos indivíduos.

setor produtivo, só se tornou possível em função do último fenômeno indicado no primeiro parágrafo deste texto, qual seja, a terceira revolução industrial, a Revolução da Microeletrônica, e por conseguinte a da Telemática, as quais trouxeram em seu bojo – dentre outros - o advento da informática e da internet, e que possibilitaram a construção da malha de tráfego interminável para livre e rápida circulação do capital. Com apenas alguns clicks milhões ou bilhões de dólares e euros migram com a maior facilidade de um canto para outro do planeta sem qualquer barreira imposta pelos sistemas financeiros nacionais, os quais se rendem à ameaça de migração dos capitais que estão investidos no país.

Além da globalização financeira, não podemos deixar de admitir que existe um processo em curso que é factual e evidente e que tem tornado o nosso mundo imediato mais amplo, o desconhecido presente, e o distante próximo. A revolução da telemática abre um campo de imensas possibilidades de uma sociedade global, cuja realização dependerá de uma mudança de percepção de seus usuários, cujo olhar, enquanto ficar restrito aos imperativos dos atributos do capital, estará impossibilitado de apreender as potencialidades de seu uso para a autorrealização do ser humano. Mas é preciso ter cuidado com a compreensão da extensão deste fato, pois existem milhões de pessoas nos mais diversos lugares do mundo que, apesar de serem afetadas por este fenômeno, não tem a mínima condição de ter esta percepção, simplesmente porque o que para nós são fatos, para elas inexistem, pois vivem na mais extrema pobreza material e/ou imaterial.

Seja pela percepção consciente deste processo, seja pela afetação das consequências destes fenômenos sobre nossas vidas, todos nós não podemos mais pensar o mundo e assim a própria vida - a fim de poder exercer alguma autonomia na definição do conteúdo de nossas práxis sociais - se não considerarmos a vitória da filosofia neoliberal ante a teoria keynesiana de Estado; a globalização (financeira) e a terceira revolução industrial, a Revolução da Microeletrônica, da qual desembocou a Revolução Telemática.

O mundo configurado a partir dessas mudanças reestruturantes da vida em sociedade, ainda que com todas as contradições inerentes a uma sociedade capitalista, tem alterado significativamente não só a economia, as finanças, a

educação, mas também os hábitos de interagir socialmente, bem como a própria socialidade humana. Enfim, a ecologia social foi significativamente alterada, mas, no entanto, sem alterar as bases de produção e reprodução das relações sociais de produção, que continua sendo fundada na propriedade privada e assim, na alienação do ser humano. Mais do que nunca o desenvolvimento das forças produtivas possibilitam a realização da liberdade do ser humano, mas, mais do que nunca, isto se tornou uma utopia, e com um grau de dificuldade maior, pois o próprio ser humano fez dos atributos do Capital, em especial do Capital Financeiro, seus princípios de vida. Como bem esclarece Guattary:

Assim, para onde quer que nos voltemos, reencontramos esse mesmo paradoxo lancinante: de um lado, o desenvolvimento contínuo de novos meios técnico-científicos potencialmente capazes de resolver as problemáticas ecológicas dominantes e determinar o reequilíbrio das atividades socialmente úteis sobre a superfície do planeta e, de outro lado, a incapacidade das forças sociais organizadas e das formações subjetivas constituídas de se apropriar desses meios para torná-los operativos. (12)

Seguindo esta linha de raciocínio, entendemos que a Revolução da Telemática produziu com todas as ferramentas e tecnologias que a constituem uma reviravolta em todas as relações do ser humano, seja com a Natureza, com os demais indivíduos, com seu lazer, com o trabalho, com os processos de trabalho, consigo mesmo, a ponto de certos comportamentos serem desenvolvidos, sem que os próprios indivíduos percebam a formação destes. Mas a ecologia social desenhada pela revolução da telemática na contemporaneidade tem implicado em uma libertação ou alienação do ser humano? - A nossa proposta neste texto é explicitar em que medida a ecologia social desenhada pela revolução telemática implica em uma libertação ou em uma alienação do ser humano.

2. A ONTOLOGIA DO SER HUMANO:

Intimar ao debate acadêmico sobre a Ontologia Humana usuários contumazes das mais modernas tecnologias, especialistas da computação, habitantes cotidianos do Ciberespaço, Analistas de Sistemas e demais profissionais do mundo cibernético³⁴ parece a princípio uma atitude um tanto sem sentido, ou diriam

34 Segundo Andrade (2015, p.63), "o ciberespaço criou um mundo operante em rede, interligando ícones, portais, sites e páginas, que surge em função dos impactos socioculturais da microinformática. A fusão das telecomunicações

outros, insana, pois o que querem os aficionados das máquinas e dos sistemas com o ser humano, um ser tão complicado, tão incompreensível? – Não parece mais sensato se ocupar com as máquinas e os sistemas e programas criados pela razão humana?

A princípio, tomando-se como referência o senso comum dos usuários dessas tecnologias, parece acertado o juízo delineado acima, pois, o que interessa a esse coletivo é a satisfação de seu desejo de ocupar-se com o domínio da tecnologia sem se preocupar com as razões, a dinâmica e as implicações dela sobre a vida humana, a relação capital-trabalho, o meio ambiente, ou ainda com a questão do acesso universal às tecnologias mais modernas. Mas para aqueles que defendem a bandeira do software livre, do hardware livre, a universalização do acesso aos pressupostos para inserção no ciberespaço, quais sejam, a máquina, os programas e as fontes de acesso às informações do ciberespaço que são até então monopólio das empresas de telecomunicação, interessa por demais, visto que o movimento social do software e hardware livres se orienta para as demandas de emancipação do ser humano.

Parece-me claro que a defesa da universalização de um direito social, que é o acesso irrestrito às tecnologias mais modernas, é de um humanismo evidente, pois não o vê como uma concessão, ou um acessório à formação do ser humano, ou à formação e ao exercício da cidadania, mas sim como uma demanda da espécie humana, a qual não poderia ser atendida com a existência de qualquer condicionamento excludente.

Esta é a razão pela qual decidi-me ocupar com o tema da Ontologia Humana e a relação dela com as tecnologias mais modernas (Computador, Aplicativos e Mundo Cibernético). Mas o que é Ontologia? O humano eu entendo, mas Ontologia Humana!?

O termo *Onto* refere-se a essência e Ontologia estudo das essências, mas de qual essência? – Em nosso caso, quando usamos a expressão Ontologia Humana

análogas com a informática permitiu que mensagens em diferentes formatos fossem veiculadas no mesmo suporte, o computador, obedecendo um fluxo que rompe com o modelo tradicional das mídias de massa, que segue a ordem um-todos.” Mas um mundo em rede, regido pela lógica reificante do Capital.

estamos nos referindo à essência do ser humano, propriamente ao que o define como espécie, especificamente seus atributos. A depender da corrente filosófica que abracemos, o delineamento da Ontologia Humana terá uma abordagem, suas ênfases, seus atributos, suas relações. Mas em quase todas as abordagens filosóficas o estudo da Ontologia Humana está ancorada em uma grande matriz filosófica, qual seja, o Idealismo, o qual reúne diversas perspectivas filosóficas que discutem a essência humana a partir de um dever-ser, ou seja, de uma referência dada, abstratamente elaborada do que deva-ser o ser humano.

A corrente filosófica a qual me filio situa-se em lado oposto a essa matriz filosófica, pois ela é histórico-crítica. O que quer dizer isto? – Que ela parte da premissa de que a análise do real é a dimensão histórico-crítica da vida, pois para as filosofias que se situam neste plano, o mundo, a vida devem ser explicados a partir dos conteúdos deste, sem o pré-estabelecimento de verdades *a priori*, pois assim estaríamos dizendo ao real, ao mundo, ao ser humano o que ele deve ser, ao invés de conhecê-los.

A filosofia marxiana, teve como teórico principal o pensador alemão Karl Marx, identificado pelos oponentes de sua filosofia política, como o pai do comunismo: uma forma de estigmatizá-lo, tanto em função do estereótipo negativista trabalhado pelos representantes do Capital, como também pelo próprio sufixo *ismo* e *ista*, os quais sempre indicam um juízo de negatividade ao adjetivo.

Para Marx (1968b) o ser humano é um ser que, diferentemente das outras espécies, não tem sua essência predeterminada no seu nascimento, e cujo conteúdo permanece inalterado ao longo dos tempos. A formiga nascerá e se desenvolverá como formiga, o piolho nascerá como piolho e se desenvolverá como tal, o boi como boi, ainda que eles ao nascerem forem isolados ou colocados para viverem com outras espécies, eles sempre reagirão como formiga, piolho e boi. Já o ser humano não, pois, conforme todos os casos relatados por antropólogos (Jean-Claude Auger; Diane Skelly e outros)³⁵, de crianças que cresceram sem contato humano, as quais viveram entre animais irracionais,

35 Para um conhecimento de alguns casos enigmáticos de crianças selvagens, favor consultar o seguinte site: http://filosofando.no.comunidades.net/index.php?pagina=1351077667_01.

aprenderam a agir tal qual a espécie que a acolheu. Se viviam com lobos, tornaram-se lobos, com chimpanzés passaram a agir como macacos, mas nunca como seres humanos. E por que isto? – Primeiramente porque, como Marx (1968a, p.21) nos ensina:

Pode-se diferenciar os seres humanos dos animais pela consciência, pela religião, ou seja lá pelo que se queira. Eles mesmos só começam a se diferenciar dos animais, quando eles começam a produzir seus meios de vida, um passo, que **só é possível graças a sua organização corporal.**³⁶ (Destaque meu)

Há dois aspectos relevantes a serem tratados nesta passagem. O primeiro que é o trabalho como atributo ontológico do ser humano, e o segundo que é a explicação porque o ser humano pode adquirir os atributos que adquiriu ao longo de sua história. Tratando deste, Marx explica que o ser humano só pode ter se tornado um ser consciente porque a sua organização corporal – que a Natureza o deu – possibilitou que ele assim se tornasse, mas apenas a vida em sociedade possibilita ao ser humano desenvolver este atributo. Sem isto, o ser humano é tão racional como um lobo, um leopardo ou um elefante. Enfim, para Marx o ser humano é um ser social, e apenas como tal ele pode pensar a si mesmo, ainda que ele decida viver isoladamente como um eremita, a sua decisão de viver assim e o que o manterá por um ou por todo tempo em reclusão, é de natureza social, pois ele se tornou um ser humano. Enfim, o ser humano é um ser social. Por isto que a ontologia humana é uma ontologia do ser social, portanto, concreto, real, e não metafísico. O primeiro aspecto relevante é que o que diferencia fundamentalmente o ser humano dos animais é a produção dos seus meios de vida. Enquanto estes praticam o extrativismo e reproduzem os instintos inscritos em seus códigos genéticos, os seres humanos precisam produzir os meios que garantirão a sua existência. Em outro momento de *A Ideologia Alemã* Marx (1968a, p.30) ratifica:

Os seres humanos tem história porque eles tem que produzir a própria vida, e tem que o fazer sob determinada forma: esta está dada por sua

36 „Man kann die Menschen durch das Bewußtsein, durch die Religion, durch was man sonst will, von den Tieren unterscheiden. Sie selbst fangen an, sich von den Tieren zu unterscheiden, sobald sie anfangen, ihre Lebensmittel zu *produzieren*, ein Schritt, der durch ihre körperliche Organisation bedingt ist. Indem die Menschen ihre Lebensmittel produzieren, produzieren sie indirekt ihr materielles Leben selbst.“(Die Deutsche Ideologie, Karl Marx,21) (Unterstreichung von mir).

organização física; assim como sua consciência.³⁷

Em função do exposto precisamos concluir que o ser humano para Marx é **um ser que se faz** a partir do que a Natureza o dotou. Enfim, o ser humano não tem uma essência dada *a priori*, mas sim historicamente construída na totalidade das relações sociais de produção. E se é a natureza que determinou a organização física do ser humano, conseqüentemente é ela a responsável pelo fato de que ele só poderia realizar-se como espécie vivendo em sociedade, pois como assevera o próprio Marx na Ideologia Alemã, a forma de produzir os meios de vida está dada pela organização física do ser humano.³⁸

Mas como é que o ser humano produz a si mesmo como espécie? – Pelo atividade consciente, intencional de transformação da natureza, ou seja, pelo trabalho. Ao transformar a natureza trabalhando-a ele transforma a si mesmo. Por isto que, como assegura Marx (1968a, p.21):

A forma como os seres humanos produzem seus meios de vida depende primeiramente das propriedades dos meios de reprodução da vida encontrados. A forma da produção não é para ser entendida apenas no sentido de reprodução da existência física dos indivíduos. Ela é muito mais que isto, ela já é uma determinada forma da atividade destes indivíduos, uma forma determinada de externalizar sua vida, uma determinada forma de vida. **Assim como os indivíduos externalizam sua vida, assim eles são.** O que eles são corresponde assim com a produção deles, tanto com o que eles produzem, como também com eles produzem. O que os indivíduos são depende das condições materiais de sua produção.³⁹ (Destaque meu)

Então as condições, nas quais o ser humano alimenta sua consciência e se objetiva como subjetividade, ou seja trabalha, exprime o tratamento dado a ele por aqueles que controlam direta ou indiretamente estas condições, seja pelo controle

37 “Die Menschen haben Geschichte, weil sie ihr Leben produzieren müssen, und zwar müssen auf bestimmte Weise: dies ist durch ihre physische Organisation gegeben; ebenso wie ihr Bewußtsein. “ (Marx, K., Die Deutsche Ideologie, 30) (Unterstreichung von mir).

38 Isto nos leva a concluir a partir das palavras do próprio Marx, que a Natureza determinou, determina e sempre determinara a ontologia social do ser humano, visto que se ela não tivesse dado a ele um corpo humano com a organização física, biológica que deu, não teria ele a possibilidade de ter se tornado um ser que sócio-historicamente define a própria ontologia.

39 „Die Weise, in der die Menschen ihre Lebensmittel produzieren, hängt zunächst von der Beschaffenheit der vorgefundenen und zu reproduzierenden Lebensmittel selbst ab. Diese Weise der Produktion ist nicht bloß nach der Seite hin zu betrachten, daß sie die Reproduktion der physischen Existenz der Individuen ist. Sie ist vielmehr schon eine bestimmte Art der Tätigkeit dieser Individuen, eine bestimmte Art, ihr Leben zu äußern, eine bestimmte *Lebensweise* derselben. Wie die Individuen ihr Leben äußern, so sind sie. Was sie sind, fällt also zusammen mit ihrer Produktion, sowohl damit, was sie produzieren, als auch damit, wie sie produzieren. Was die Individuen also sind, das hängt ab von den materiellen Bedingungen ihrer Produktion.“(Deutsche Ideologie, Karl Marx,21).

dos meios de produção, seja pela exigência para o acesso a eles. Quando a forma de aplicação da força de trabalho humana não aliena o ser humano desta e assim, dos produtos de seu trabalho, de si mesmo, dos outros seres humanos e de sua espécie, esta forma, essas condições, humanizam o ser humano.

O ser humano não só pensa, ele, por pensar, pensa o pensamento e o próprio pensar. Esta capacidade de lançar o olhar sobre si só é possível ao ser humano porque ele, ao sair de si, depara-se com um outro ser distinto dele, e ao retornar a si, adquire a consciência da distinção de si mesmo⁴⁰. Além disso, o ser humano, por conta desta faculdade, é capaz de pensar multifacetada e contraditoriamente, apreendendo analiticamente a totalidade das relações nas quais o que ele quer compreender está imbricado. Esta versatilidade do atributo humano da consciência permite ainda a ele aprender a linguagem das diversas espécies e por conta disto reproduzir o ambiente no qual as diversas espécies vivem. Quando Marx compara os animais aos seres humanos ele explicita o imbricamento do trabalho com a universalidade do ser humano, pois a atividade intencional transformadora do real pressupõe segundo Marx (1968b, p.516/7) a reprodução do real no pensamento:

... O animal transforma apenas segundo a medida e a necessidade da espécie que pertence, enquanto o ser humano sabe criar segundo a medida de cada indivíduo; o ser humano transforma assim segundo as leis da beleza.⁴¹

Enfim, o ser humano pensa universalmente, apreendendo, conforme afirmamos acima, a contraditoriedade e a multifacetaldade do real. Isto significa pensar o real em movimento, assumindo a dialeticidade que o constitui. Neste sentido, é necessário concluir que o ato criativo é uma ação eminentemente humana, pois envolve reflexão e transformação intencional da natureza.

Distintamente dos animais, o ser humano é um ser omnilateral. Por não estar determinado a reagir de uma única forma, obedecendo a uma ação determinística das leis da Natureza sobre ele, por poder compreender o seu ser/estar no mundo, e assim intervir neste, transformando as condições naturalmente dadas, o ser

40 Dialética do Senhor e do Escravo em Hegel na obra Fenomenologia do Espírito.

41 „... Das Tier formiert nur nach dem Maß und dem Bedürfnis der Spezies, der es angehört, während der Mensch nach dem Maß dem Gegenstand anzulegen weiß; der Mensch formiert daher auch nach den Gesetzen der Schönheit.“(Ökonomisch-Philosophischen Manuskripten, Karl Marx, 516/7)

humano afirma na natureza sua condição de ser universal e assim sua condição de ser autônomo, a despeito de sua heteronomia no real. Para Marx (1968b, p.516/7) o ser humano:

... Relaciona-se com a espécie como se se relacionasse com a própria essência ou como a essência genérica. Embora o animal também produz. Ele constrói um ninho, habitações, tal como as abelhas, formigas, etc. Sozinho ele produz apenas o que ele ou seus filhotes necessitam imediatamente; ele produz de forma unilateral, enquanto o ser humano produz de forma universal; ele produz apenas sob o domínio das necessidades físicas imediatas, enquanto o ser humano produz mesmo livre da necessidade física e na verdade produz na liberdade dela; ele produz apenas para si mesmo, enquanto o ser humano reproduz toda a Natureza; seu produto pertence imediatamente a seu corpo físico, enquanto o ser humano põe-se livremente ante o seu produto.⁴²

Por isto que as tecnologias mais modernas, por mais complexas que sejam, são produtos do ser humano, a sua complexidade nada mais é que a objetivação da universalidade da consciência do ser humano. Ontologicamente ela será sempre objeto em relação ao ser humano, ainda que este não se posicione em relação a ela como sujeito. Quando isto ocorre, podemos afirmar que o ser humano está reproduzindo no terreno de sua práxis social a alienação que se dá no plano material. Mas por que ele faz isto? – Por que quer? – Não, mas sim porque lhe faltam os pressupostos para o exercício de sua autonomia reflexiva ante o produto tecnológico, quais sejam, o domínio da linguagem abstrata, da lógica, da linguagem técnica, da linguagem padrão, do desenvolvimento do atributo da universalidade na formação educacional de sua cognição e o cultivo de uma atitude pro ativa ante dificuldades com outras linguagens e barreiras de aprendizagem.

O fato do ser humano pensar e pensar universalmente o real, ou seja, contraditória e multifacetadamente, expressa um dos fundamentos de um outro atributo do ser humano, a liberdade. Na medida em que o ser humano pode explicar a própria existência e o mundo no qual está imerso, ele se coloca fora do

42 „... sich zu der Gattung als seinem eigenen Wesen oder zu sich als Gattungswesen verhält. Zwar produziert auch das Tier. Es baut sich ein Nest, Wohnungen, wie die Biene, Biber, Ameise etc. Allein es produziert nur, was es unmittelbar für sich oder sein Junges bedarf; es produziert einseitig, während der Mensch universell produziert; es produziert nur unter der Herrschaft des unmittelbaren physischen Bedürfnisses, während der Mensch selbst frei vom physischen Bedürfnis produziert und erst wahrhaft produziert in der Freiheit von demselben; es produziert nur sich selbst, während der Mensch die ganze Natur reproduziert; sein Produkt gehört unmittelbar zu seinem physischen Leib, während der Mensch frei seinem Produkt gegenübertritt.“

alcançe da possibilidade de ser objeto da ação determinística da natureza, tal como os animais irracionais estão submetidos, e conseqüentemente se afirma como ser livre.

O fato de estar livre de uma ação determinística da natureza sobre ele, não significa que o atributo da liberdade esteja desenvolvido, ou seja, que o ser humano se autorrealize como ser livre, mas sim, que historicamente ele se fez um ser livre dos imperativos da natureza sobre ele. O pleno desenvolvimento do conteúdo ontológico da liberdade é uma tarefa histórica que a espécie humana estabeleceu para si, e cuja realização pressupõe a existência de uma totalidade de práxis sociais humanizantes que seja hegemônica na sociedade.

O ser livre em Marx está longe da concepção burguesa de liberdade. Ao invés de conceber a liberdade sob a ótica do indivíduo, e assim entender que se é livre quando se aliena do outro, dos problemas, das dificuldades, ser livre para ele é ser livre com o outro, com clareza do real no qual se está imerso, logo, ao invés de querer se ver livre dos problemas, das dificuldades, a liberdade para este autor não é uma abstração do pensamento, pois como ele afirma, a liberdade é de natureza coletiva, jamais individual, ainda que ela dependa das práxis sociais dos indivíduos. E por que isto? – Pelo simples fato de que um ser supostamente livre ao se relacionar com um ser não-livre, torna-se servo da servidão a qual o outro está subordinado, pois é dentro dos limites dessa servidão que a sua suposta liberdade estará adstrita. Como os conteúdos das respostas do outro às supostas ações livres deste não poderá ser de natureza livre, logo o ser pretensamente livre estará impossibilitado de exercer sua pretensa liberdade.

Por ser um ser social a liberdade do indivíduo só pode ser real se houver a liberdade de sua espécie. Uma vez que as relações sociais de produção de uma dada sociedade são mediadas por elementos estranhos e antagônicos à ontologia humana, a liberdade de qualquer indivíduo está *a priori* materialmente obstaculizada. Nestas circunstâncias a liberdade limita-se a poder ser um princípio orientador das práxis sociais, o qual poderá ser assumido ou não na práxis social de cada indivíduo. Neste sentido, se é verdade que a consciência da impossibilidade da liberdade do ser humano em uma dada sociedade não tem o

poder de impedir a assunção e efetivação dela como princípio educativo em nossa práxis social, por outro, esta práxis não tem o poder de mudar o conteúdo social do estranhamento do ser humano, tão só o conteúdo axiológico de uma dada práxis social.

3. MUNDO CIBERNETICO: A REALIDADE DA VIRTUALIDADE

Pensar o indivíduo sob a ótica da sociabilidade é pensar a vida como uma rede. Assim como no ciberespaço tudo está ligado a tudo, no mundo social imediato tudo e todos estão conectados, ainda que mediatamente por imperativos de alienação. Para ser mais fiel, é pelo fato da sociabilidade ser um atributo da ontologia humana que em qualquer dimensão que o indivíduo se externalize, a sua objetivação estará imediatamente adstrita ao conteúdo social da objetividade na qual ele efetive sua práxis social. Seja imediata ou mediatamente concreta, a práxis social estará conectada em uma rede de relações. Como nos ensina Marx em o nos *Fundamentos da Economia Política* (MARX, 1968d, S.35), “o concreto é concreto porque ele é a síntese de múltiplas determinações, logo unidade do diverso.⁴³” Considerando que cada determinação se constitui por um conjunto de relações causais não-lineares, e que cada determinação está dialeticamente imbricada com as demais, e que no conjunto das relações causais e determinações tem uma incomensurável rede de práxis sociais, então o ser humano, ao se externalizar, se implica em uma gigantesca biodiversidade social.

Neste sentido não podemos falar em mundo virtual como uma oposição a mundo real, pois toda e qualquer experiência humana, é sempre social, e portanto real. A mediaticidade do ciberespaço não desqualifica a natureza social de nossa experiência. Logo, a nossa práxis social no mundo cibernético não é fictícia, inválida, destituída de verdade ou mesmo destituída de implicações sociais, ou ainda imune às determinações do mundo imediato. Nenhum conteúdo, fenômeno, processo que se dê no equivocadamente chamado mundo virtual está

43 “Das Konkrete ist konkret, weil es die Zusammenfassung vieler Bestimmungen ist, also Einheit des Mannigfaltigen.”

desconectado dos conteúdos da sociabilidade humana do chamado mundo real, bem como em sentido inverso. Como bem explica Paulo de Tarso Gomes:

Esta explosão de metáforas tornou comum a referência a comunidades virtuais em oposição a comunidades reais, suspendendo-se o fato de que as comunidades, constituídas também por representações, sempre se referem a um mundo por meio de uma linguagem. Esse processo nos obriga, a rigor, considerar que, de um ponto de vista filosófico, nossos mundos são todos virtuais, independente da tecnologia por meio da qual e linguagem se manifeste: grunhidos, linguagem de sinais, fala, escrita ou dígitos binários. (GOMES, 2007: 05)

Da mesma forma que nossos mundos são todos reais. Enfim, a mudança da linguagem não tem o poder de anular a realidade do que acontece no ciberespaço, pois, como nos esclarece o autor acima, todo o mundo se constitui em linguagem, não só dela, mas sempre com ela, logo, a representação do mundo por uma dada linguagem não retira o status de real da experiência.

O mundo virtual é tão real que ele é determinado pela mesma lógica do mundo real, qual seja, a do Capital. O ciberespaço não é o espaço da liberdade plena que o indivíduo refém do senso comum e a mídia capitalista gosta de ideologicamente inculcar. Ele é uma produção do assim chamado mundo real, integra a rede da sociabilidade humana e das relações sociais de produção capitalistas.

A subordinação do ciberespaço ao mercado é tão estreita que a própria estruturação dele é determinada pela demanda ontológica do Capital de autoreproduzir-se. O sonho MacLuhiano da Aldeia Global passa a ideia de um mundo incondicionado, destituído de história, de um ser que transforma o mundo a sua volta, ao tempo em que transforma a si mesmo. A soberania do Capital não é fruto de uma leitura ideológica do real, mas sim é o modo de ser desta sociedade. Podemos constatar isto muito bem na forma como a indústria da informação foi dominada pela indústria de telecomunicações. Segundo constata Gomes:

(...) o Brasil é um exemplo claro de como a indústria de informação foi atropelada pela indústria de telecomunicação. O Brasil criou um conceito de acesso a internet de tal modo que há que se pagar tanto pela conexão física como por uma conexão virtual. No processo de instalação da indústria do ciberespaço no Brasil, há tanto um provedor físico como um provedor “de conteúdo”. A evidência da invenção brasileira está na porta

de entrada do usuário à internet: seu servidor de DNS – Domain Name Server - o serviço que lhe dá acesso efetivo a todos os endereços da internet, está no provedor físico e não do dito provedor “de conteúdo”. (GOMES, 2007, p.13).

E é sob este imperativo socioeconômico que muitos internautas imaginam agir com liberdade. Mas que liberdade? - Uma liberdade metafísica? - E o que uma liberdade metafísica pode fazer pela humanidade? - Nada, pois ela é apenas uma realidade efetivamente virtual, da pura imaginação do sujeito.

O acesso à rede de computadores nos possibilita transitar em um mundo de informações editadas. Aliás toda e qualquer informação é editada, pois é produto de uma interpretação. Não só isto, a informação da rede é uma mercadoria no sentido mais capitalista do termo, seja direta ou indiretamente. Neste sentido, o navegar na rede não nos torna cidadãos livres. Navegar na rede é navegar em uma grande piscina imaginando estar nas águas de um oceano.

Por isto que, segundo Gomes, a luta não deve ser pela democratização da rede, mas sim dos canais de produção e distribuição de informação na rede, pois é aqui que se dá a exclusão e o controle social. Enfim, ainda que tenhamos o capital para financiar o acesso, acessamos sob as condições estabelecidas segundo os interesses do Capital, e a disponibilização das informações que procuramos, bem como o controle do acesso a elas não está sob nossa direção.

Sendo assim, em que se funda a virtualidade da rede? – Ela é pura abstração ou há mesmo uma razão concreta para esta denominação? – Segundo Gomes(2007, p.13) :

A chamada virtualidade não está no seu caráter irreal, pois precisaríamos ser realistas para afirmar isto, e não há motivos para voltar ao realismo filosófico. **A virtualidade está na possibilidade da intermitência da comunicação, no apagamento ou na completa dissolução das entidades que se comunicam⁴⁴**, se elas assim o desejarem ou se por

44 Gomes cita o caso da FIDONET, uma rede de comunidades brasileiras em língua portuguesa: “As mensagens trocadas na FIDONET eram mantidas por redes de BBS (Bulletin Board System). Com o advento da fase comercial da internet, os BBS tiveram que se transformar em provedores de Internet no Brasil ou perecer, a Fidonet praticamente desapareceu e, com ela, todas as comunidades estabelecidas, as mensagens e os aprendizados realizados pelos grupos(GOMES, 2007, p. 10)”. Ou mesmo o caso do ORKUT, cuja morte foi decretada pela Google em setembro de 2014, apagando-se um sem número de experiências humanas construídas com conteúdos emancipatórios e alienantes, mas humanos, históricos, pois existiram. Como um genocídio desproporcional como este foi perpetrado sem que qualquer instância de proteção dos direitos humanos se insurgisse contra?! - Vejamos alguns comentários de uma suas vítimas colhidos no site <http://www.tribunahoje.com/noticia/118369/tecnologia/2014/09/26/4-dias-para-a-morte-do-orkut-saiba-como-salvar-suas-informacoes.html>:

algum motivo, o ciberespaço não lhes prover os meios de comunicação. Invertendo as analogias, numa comunidade histórica, só o suicídio coletivo seria um equivalente. (Destaque meu)

E o que determina a intermitência da comunicação e a dissolução das entidades? – Tanto o interesse e condições de seus mantenedores de administrarem a página ou participarem da comunidade virtual, como também o interesse, as condições e o arbítrio dos proprietários dos servidores. Ainda que os indivíduos e grupos de indivíduos (as comunidades virtuais) decidam manter a comunicação, isto não é suficiente, pois em última instância este poder está nas mãos da indústria de telecomunicações. Mesmo a indústria da informação não tem este poder, visto que está subordinada à indústria de telecomunicações. Sendo assim, no caso da primeira, a disposição de manter a comunicação pode ser barrada pela inserção de uma nova tecnologia. Por isto que podemos afirmar com Gomes (2007, p. 06) que:

... o ciberespaço constitui uma segunda ordem de concretude, sendo a primeira ordem dada pela própria natureza. Enquanto a natureza sofre e delimita a economia, o ciberespaço é mantido e delimitado pela economia, uma vez que depende do investimento em tecnologia e infraestrutura de telecomunicação.

A concretude do ciberespaço está posta, deste modo, dentro dos limites históricos dos processos econômicos que envolvem o que se chamou de velha economia.

Dentre esses limites estão as necessidades de disseminação e concorrência no âmbito da indústria de telecomunicações, que, longe de ser uma unidade coesa de intenções e projetos, envolve-se nas condições de mercado próprias do capitalismo, que oscilam entre o não-dirigismo e a busca de apoio do Estado, para a sua manutenção e desenvolvimento tecnológico.

Então, no exercício de sua pretensa liberdade individual, os internautas trafegam em vias construídas para explorar a sua condição de consumidor, logo, os produtos e serviços que são oferecidos em sua diversidade, qualidade e

Inês Silva em 29/09/2014 as 22:43 “descaso que tiveram com nossos sentimentos, eu tenho uma vida no orkut,conkistei amigos que levarei pro resto da vida, foram mt^os emoções,risadas,lágrimas, saudades,amores,brincanagem rrs,e ceifaram nossa vontade, nossos sentimentos, nossas emoções,nossa memória na vdd, pois o q eu vivi jamais tirarão de mim, do meu coração, Adeus meu amado orkut foi mt^o bom enquanto durou descanse em paz te amo!!! fiz com mt^o carinho uma peq homenagem ao nosso amado orkut bjss

Inês Silva em 29/09/2014 as 22:43 Dói mt^o essa sensação de perda, mas dói mt^o mais o descaso que tiveram com nossos sentimentos, eu tenho uma vida no orkut,conkistei amigos que levarei pro resto da vida, foram mt^os emoções,risadas,lágrimas, saudades,amores,brincanagem rrs,e ceifaram nossa vontade, nossos sentimentos, nossas emoções,nossa memória na vdd, pois o q eu vivi jamais tirarão de mim, do meu coração, Adeus meu amado orkut foi mt^o bom enquanto durou descanse em paz te amo!!! fiz essa peq homenagem com mt^o carinho ao nosso amado Orkut bjs a tds
https://www.youtube.com/watch?v=DL_w80KP5fU.

condições no ciberespaço são determinados por interesses alheios e até antagonísticos à ontologia de espécie do consumidor: o internauta.

A sua pretensa liberdade é uma quimera que ele se esforça em acreditar e as críticas e iniciativas de resistência e oposição a esta realidade são em geral uma desigual luta de UFC de indivíduos ou grupos de indivíduos contra os efeitos da ação universalizante da lógica do capital. O octógono do enfrentamento não está na nossa frente nos desafiando a entrar nele. Na verdade, nós já estamos e sempre estivemos dentro do octógono, alimentando com nossas práxis sociais a vitalidade do oponente (O Capital). Entrar no octógono é uma metáfora para nos referirmos à necessidade de tomarmos uma decisão de defesa de nossa condição humana, e não é possível se fazer isto de forma fragmentária, simplesmente criando ou participando de espaços que assumam a luta contra o capital, **sem que**, nas demais dimensões de nossa sociabilidade, a nossa práxis social reproduza essa mesma base axiológica. A simples oposição política à ação capitalista no ciberespaço não é suficiente para sustentar uma oposição a esta lógica. É necessário que os valores que sustentam esta oposição sejam efetivados em todas as dimensões de nossa vida.

Esta radicalidade axiológica é fundamental para o enfrentamento da ação dos imperativos da lógica reificante do real capitalista sobre nosso ser/estar no mundo. Sem ela, estaremos sempre na atitude de negociar o quando e o quanto nossas práxis sociais devem se antagonizar com esta lógica nociva à autorrealização do ser humano. Mister se faz construir uma cultura do humano, a qual só será possível com a assunção dos atributos humanos como nossos princípios existenciais. Enfim, é preciso transformar o humano em uma tradição, a fim de que o nosso estranhamento não seja com nossa ontologia, mas sim com as circunstâncias alienantes.

De forma muito pontual e sensível o Professor Juracy Marques capta esse drama no qual a subjetividade é imperativamente absorvida e duplamente vitimizada: A Auto-alienação. Influenciado pelo olhar psicanalítico freudiano Marques dissecava cruamente o sevicamento cotidiano que os princípios moventes do Capital fazem do psiquismo, não só o violentando na sua condição de espécie e enquanto

indivíduo, mas pior, fazendo isto de tal forma que, por uma espécie de automatismo, o próprio psiquismo do ser reproduza, produzindo-a uma vez mais, a violência da qual é vítima. Assim narra o autor (2012, p.32):

Na voracidade das estruturas homogeneizantes, por ser movida por forcas ingovernáveis, nos sistemas humanos subjetivos, há um ponto impossível de ser tocado e escravizado, quando ele próprio encarrega-se de se escravizar. O que mais se vê são almas escravizadas por seus próprios senhores. Apesar de termos e elas atuarem (individualidades visíveis), somos homogeneizados e invisibilizados por nosso próprio escravo, servo do senhor visível. Somos cultivadores das nossas próprias correntes, nossas couraças. Nosso poder na condição de escravo é não ter poder. Eis a ordem do mecanismo da inviabilização. Isso não pode ser situado no campo da culpa do sujeito. Em seu reino, chegam ordens normatizantes, entretanto, haverá sempre uma atmosfera rebelde, nunca colocável nos porões das hegemonias, que torna a alma a unidade possível de mover as revoluções políticas, sociais, econômicas, ecológicas e subjetivas. Não há outro caminho na corda bamba da experiência humana sobre o Planeta senão uma revolução da alma e do espírito.

Como acertadamente conclui Paulo Freire em *A Pedagogia do Oprimido*, “o grande problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” ao opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora”. Enfim, a alienação, como já elucidamos aqui, não é uma escolha, mas a auto-alienação, em certa medida sim, pois ela é uma violência tamanha cometida pelo psiquismo humano contra si mesmo, interferindo na totalidade de seu ser/estar subjetivo-objetivo. Como é da inerência da subjetividade subjetivar, como é da inerência do existente continuar existindo, como é da inerência do ser humano ter a necessidade de humanizar-se, a auto-alienação é a negociação da própria morte (simbólica) para sentir-se representado na subjetividade que a oprime e na qual ela quer ver-se representada, tal como Hegel explicita na Dialética do Senhor e do Escravo. Mas como é de sua ontologia a liberdade, este fenômeno não ocorre sem contradições, senão antinomias. Em função disto é que Marques afirma que “haverá sempre uma atmosfera rebelde”, pois há um grito que quer ecoar e afirmar o lugar de sujeito da subjetividade. A nossa dificuldade é de tornar o humano uma tradição, pois isto exige um constante insurgir-se contra a lógica reificante do Capitalismo.

A dificuldade de tornar o humano uma tradição reside no fato de que com a modernidade todas as tradições constituintes de alguma autoridade sobre a reflexão do mundo e da própria vida, tiveram sua legitimidade corroída pelo paradigma evolucionista-linear, o qual, alicerçado na mitificação da razão, decretou a morte simbólica da autoridade de todas as tradições. Como nos ensina Arendt(1972, p. 55) em *Entre o Passado e o Futuro*:

O fio da continuidade histórica foi o primeiro substituto para a tradição; por seu intermédio, a avassaladora massa dos valores mais divergentes, dos mais contraditórios pensamentos e das mais conflitantes autoridades, todos os quais haviam sido, de algum modo, capazes de funcionar conjuntamente, foram reduzidos a um desenvolvimento unilinear e dialeticamente coerente, na verdade, não para repudiar a tradição como tal, mas a autoridade de todas as tradições.

Contraditoriamente, esta mesma concepção evolucionista-linear de mundo, ao mitificar a razão, decreta a morte do *devir*, pois o tempo, sob a égide da tecnocracia, é destituído de conteúdo histórico-social. Neste sentido, nos esclarece mais uma vez Arendt(1972, p.31):

Sem testamento ou, resolvendo a metáfora, sem tradição - que selecione e nomeie, que transmita e preserve, que indique onde se encontram os tesouros e qual o seu valor - parece não haver nenhuma continuidade consciente no tempo, e portanto, humanamente falando, nem passado nem futuro, mas tão-somente a sempiterna mudança do mundo e o ciclo biológico das criaturas que nele vivem.

E sob esta hipnose paradigmática os atributos do Capital e suas demandas se apresentam ao ser humano como atributos e necessidades deste. Desvencilhar-se deste canto da medusa, sair deste processo hipnótico e estabelecer uma práxis social desalienante, é um gigantesco desafio que em momento algum deixará de produzir em nossa vida cotidiana, o ônus da ousadia de se recusar a reproduzir os atributos do Capital.

O estado de estranhamento do ser humano em relação a sua condição de espécie, produzindo um mundo antagônico às suas demandas ontológicas, não é simples resultado da ausência de esclarecimento e vontade prática dos indivíduos, mas sim uma produção do mundo material, da vida real, a qual, em seus condicionamentos, ou melhor, em sua estrutura, determina a alienação do ser

humano de sua força de trabalho, do processo de trabalho, do produto de seu trabalho, dos outros seres humanos e da sua espécie. Enfim, a alienação não é originalmente um produto da consciência, pois como nos ensina Marx(1968^a, p. 27) “não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência⁴⁵”. Entretanto, isto não significa que a realidade material é um autômato, pois, como nos ensina este autor, o real é um produto dos múltiplos engendramentos da totalidade das práxis sociais. Sem as práxis sociais dos indivíduos não há realidade social.

Sendo assim, o denominado mundo virtual, o ciberespaço, reproduz os mesmos conteúdos axiológicos do denominado mundo real, pois os sujeitos e a lógica estruturantes do real são os mesmos. A liberdade do ciberespaço não é um estado social e nem uma simples sensação subjetiva, mas sim um atributo desta dimensão da vida social humana, assim como o é da ontologia desta espécie, mas que está constituída em uma rede contraditória de determinações, cuja força predominante é antagônica às necessidades de emancipação do ser humano.

A sensação de liberdade que o usuário das tecnologias mais modernas sente não é nem a realização objetiva de sua liberdade, nem um estado de liberdade no qual as tecnologias mais modernas que ele usa, se encontra, ela é tão só um maior e melhor transitar na tensa rede contraditória de determinações nas quais está imbricado, sem no entanto, constituir qualquer experiência para além deste real.

O Ciberespaço não é o espaço da liberdade, porque se assim ele for entendido, e não como uma ferramenta de luta, construirá a ilusão da realização da liberdade e assim estimulará a fantasia da autorrealização humana, guetificando a luta contra a reificação humana e estimulando a alienação dos indivíduos, na medida em que a liberdade estará restrita aos guetificados das tecnologias mais modernas (Nerds, Hackers e etc).

É preciso entender que as tecnologias mais modernas, a linguagem e as ferramentas que são criadas com ela (aplicativos, programas e etc) são

45 “Nicht das Bewußtsein bestimmt das Leben, sondern das Leben bestimmt das Bewußtsein.”

potencialmente instrumentos de luta contra a coisificação do ser humano, mas que, por estarem e serem produtos de uma realidade social capitalista, emergem também como ferramentas para uma maior e melhor reprodução do capital. E é a nossa atitude com elas que vai determinar se o seu uso por nós, tanto profissional como social, estará colaborando para esta finalidade ou para a emancipação humana.

Sob esta ótica, a *ciberdependência* se apresenta como a reprodução da alienação do ser humano no *ciberespaço*, pois contribui para o seu estranhamento, na medida em que o desqualifica para a transformação de suas vivências sociais imediatas (mundo real) em experiências emancipatórias, ao mesmo tempo em que limita suas vivências sociais naquela dimensão, restringindo assim a sua socialidade/interação com os demais seres humanos. Não só isto, mesmo as relações sociais construídas no ciberespaço produzem e reproduzem o fenômeno da alienação e da auto-alienação, tal como vemos nas pesquisas realizadas nas Universidades de Michigan (2010 e 2013), Illinois (2011) e na de Beihang na China (2013), produzindo implicações negativas sobre a percepção, os sentidos, o bem-estar e a socialidade humana.

Todas as pesquisas foram no campo psicológico e duas delas tiveram como objeto de estudo o Facebook, dentre estas a pesquisa do Prof. Dr. Carpenter da Illinois University, cujo interesse foi investigar a influencia narcísica do Facebook na auto-promoção e no comportamento anti-social das pessoas. Ele pesquisou 294 pessoas dos 18 aos 65 anos de idade, cuja maioria, 74,1 % era de estudantes universitários. Objetivamente sua pergunta foi como o Facebook exerce influencia subjetiva sobre o bem estar das pessoas, descobrindo Carpenter(2011, p.485) que:

Exibicionismo grandioso [GE] está relacionado a comportamentos do Facebook que proporcionaram grande auto-apresentação para tão grande número de pessoas possível através de atualizações de status, fotos, e conquista de um grande número de amigos. Titularidade/exibicionismo [EE] está relacionado a comportamentos anti-sociais, como retaliação contra comentários negativos sobre si mesmo, ler atualizações de status dos outros

para ver se eles estão falando sobre si mesmo, e buscando mais apoio social do que um oferece.⁴⁶

Em ambos os casos, o princípio motivador é o CELEBRISMO, que ao ser adotado como princípio de vida, gera um processo de competição, de concorrência (alienação e auto-alienação) entre os indivíduos, tornando cada um de seus convertidos uma ilha em relação aos demais, a si mesmo, a sociedade, a sua espécie. Este processo de mutua exclusão social, quando deflagrado e em ritmo avançado, aborta qualquer possibilidade de uma atitude colaborativa, solidaria, emancipatória. Neste estudo Carpenter(2011, p.485) descobriu que:

Os comportamentos anti-sociais estão associados principalmente a EE, mas ambos os aspectos do narcisismo foram preditivos de alguns desses comportamentos. Ambas as sub-escalas foram relacionados positivamente para retaliar comentários médios, bem como procurar mais apoio social do que um oferece. Apesar EE sendo identificado como o aspecto mais socialmente disruptivo de narcisismo (Ackerman et al., 2011), apenas a GE está relacionado a reações iradas para percebida negligência social.⁴⁷

Ou seja, tanto a atitude do Exibicionista Grandioso como a do Senhor(exibicionista) de Direitos(EE) implicam em atitudes narcísicas com características agressivas, bem como demandadoras de atenção especial, porem esta segunda é mais enfática no Exibicionista Grandioso que no Senhor de Direitos, assim como a tendência para comportamentos anti-sociais é mais forte neste ultimo. E o que significa tais comportamentos nas redes sociais, em especial no Facebook? - O “conforto” do isolamento social propiciado pelas redes sociais, especificamente o Facebook, estimula a fermentação do processo de alienação, na medida em que materializa distancia subjetiva, objetivando-a, facilitando assim a liberação de atitudes não comumente assumidas na cotidianidade social. Ao deflagrar a violência da qual é vítima, vitimizando os seus congêneres, o indivíduo-

46 “Grandiose exhibitionism[GE] was predicted to be related to Facebook behaviors that afforded extensive self-presentation to as large an audience as possible via status updates, photos, and attaining large numbers of friends. Entitlement/exhibitionism[EE] was predicted to be related to anti-social behaviors such as retaliating against negative comments about oneself, reading others’ status updates to see if they are talking about oneself, and seeking more social support than one provides.”

47 “The anti-social behaviors were predicted to be primarily associated with EE but both aspects of narcissism were predictive of some of these behaviors. Both subscales were related positively to retaliating against mean comments as well as seeking more social support than one provides. Despite EE being identified as the more socially disruptive aspect of narcissism (Ackerman et al., 2011), only GE was related to angry responses to perceived social neglect.”

humano não só reproduz a alienação inscrita na materialidade social capitalista, bem como se autoaliena.

Isto pode ser melhor compreendido se nos debruçarmos sobre o estudo desenvolvido por pesquisadores da Universidade de Michigan: **FACEBOOK prevê declínio no bem-estar subjetivo de jovens-adultos, dos pesquisadores**, realizado por Kross, Verduyn, Demiralp, Park; Lee; Lin; Shableck; Joniders e Ybarra, em 2013. Os pesquisadores (2013, p.01) chegaram à conclusão de que:

Quanto mais as pessoas utilizaram o Facebook em um período, pior se sentiram da próxima vez que enviamos uma mensagem para elas; quanto mais elas usaram o Facebook além de duas semanas, mais os seus níveis de satisfação com a vida diminuíram ao longo do tempo. Interagindo " diretamente " com outras pessoas estes resultados negativos não foram identificados. Eles também não foram moderados pelo tamanho da rede social de Facebook das pessoas, pela complementaridade percebida, a motivação para o uso de Facebook, sexo, solidão, auto-estima, ou pela depressão. Basicamente, o Facebook fornece um recurso inestimável para o cumprimento da necessidade humana básica para conexão social, mas em vez de aumentar o bem-estar, estes resultados sugerem que o Facebook pode miná-lo.⁴⁸

Como se explicar que um meio facilitador da socialidade humana, que objetivamente possibilita a redução das distâncias e cria uma estrutura de túnel do tempo para a troca de experiências e realização de aprendizagens, tenha distanciado as pessoas, isolado elas no real- imediato, além de promoverem o estranhamento do ser humano consigo mesmo, com os demais, com sua espécie e com a natureza (sociedade)? - O Facebook é uma tecnologia, e enquanto tal ela está inserida numa ordem econômico-social que está estruturada para a reificação do ser humano em favor do Capital. Além do mais, todo e qualquer indivíduo-humano é cotidianamente afetado por múltiplas determinações reificantes que produzem efeitos danosos sobre a formação de sua subjetividade e percepção.

48 "The more people used Facebook at one time point, the worse they felt the next time we text-messaged them; the more they used Facebook over two-weeks, the more their life satisfaction levels declined over time. Interacting with other people "directly" did not predict these negative outcomes. They were also not moderated by the size of people's Facebook networks, their perceived supportiveness, motivation for using Facebook, gender, loneliness, self-esteem, or depression. On the surface, Facebook provides an invaluable resource for fulfilling the basic human need for social connection. Rather than enhancing well-being, however, these findings suggest that Facebook may undermine it."

Os dados da pesquisa chocam os investigadores, os quais (2013, p.04) chegam a afirmar que:

Isto sugere que a utilização do Facebook pode constituir uma forma única de interação da rede social que prevê o empobrecimento do bem-estar. Em segundo lugar, vários tipos de elementos de prova indicaram que não era o caso de que a utilização do Facebook levou a declínios no bem-estar, porque as pessoas são mais propensas a usar o Facebook quando elas se sentem mal - nem foi identificado que o uso do Facebook produz afeto ou preocupação, e o uso continuado do Facebook produz significativo declínio do bem-estar quando controlado pela solidão (que previu aumentos no uso do Facebook e redução no bem-estar emocional).⁴⁹

Refutando o argumento de que qualquer atividade solitária prediz o declínio no bem-estar respondem os pesquisadores (2013, p.04):

O engajamento em qualquer atividade solitária semelhante produz declínios no bem-estar? Nós suspeitamos que não, porque muitas vezes as pessoas sentem prazer de se envolverem em algumas atividades solitárias (por exemplo, fazer exercícios, leitura). Apoiando esta visão, uma série de estudos recentes indicam que a percepção de isolamento social das pessoas (isto é, como só eles sentem) - uma variável que foi avaliada neste estudo e que não influenciou nossos resultados- é uma determinante mais poderosa de bem-estar que o isolamento social objetivo. A questão relatada diz respeito se o envolvimento em qualquer atividade de Internet (por exemplo, e-mail, navegação na web) geraria igualmente o declínio do bem-estar . Aqui também pesquisas anteriores sugerem que não geraria. Um número de estudos indicam que mudanças no bem estar pelo uso da Internet depende de como você a usa (ou seja, que sites você visita) e com quem você interage⁵⁰ (04)

Sendo assim, esse comportamento emocional-afetivo só pode ser explicado pelo tipo de atividade, por sua estrutura, por seus atributos e pela forma como o usuário está se apropriando dela. Há um conjunto de valores absorvidos na cotidianidade social capitalista que nos incita a nos auto-alienarmos, mas a nossa dificuldade não é simplesmente percebermos, mas sim recusar o convite a auto-

49 “This suggests that Facebook use may constitute a unique form of social network interaction that predicts impoverished well-being. Second, multiple types of evidence indicated that it was not the case that Facebook use led to declines in well-being because people are more likely to use Facebook when they feel bad — neither affect nor worry predicted Facebook use and Facebook use continued to predict significant declines in well-being when controlling for loneliness (which did predict increases in Facebook use and reductions in emotional well-being).”

50 “Would engaging in any solitary activity similarly predict declines in well-being? We suspect that they would not because people often derive pleasure from engaging in some solitary activities (e.g., exercising, reading). Supporting this view, a number of recent studies indicate that people’s perceptions of social isolation (i.e., how lonely they feel)—a variable that we assessed in this study, which did not influence our results—are a more powerful determinant of well-being than objective social isolation [25]. A related question concerns whether engaging in any Internet activity (e.g., email, web surfing) would likewise predict well-being declines. Here too prior research suggests that it would not. A number of studies indicate that whether interacting with the Internet predicts changes in well-being depends on how you use it (i.e., what sites you visit) and who you interact with.”

alienar-se, que já está aprioristicamente dado, feito em nossas experiências em sociedade.

Em um estudo que não delimitou a rede social, nem propriamente se ocupou explicitamente com a internet, os pesquisadores Sara H. Konrath, Edward H. O'Brien e Courtney Hsing (2010, p.187) da Universidade de Michigan investigaram as mudanças na disposição para empatia em universitários norte-americanos no decorrer de 03 décadas, e descobriram que:

Em comparação com os estudantes universitários em final de 1970 e início de 1980, os estudantes universitários de hoje são menos propensos a concordar com afirmações, tais como "Eu muitas vezes tenho a tendência a ter sentimentos por pessoas menos afortunadas do que eu" (CE) e "Eu às vezes tento entender melhor meus amigos, imaginando como as coisas parecem a partir da perspectiva deles."(PT)⁵¹

Se nós considerarmos os dados das pesquisas anteriores, bem como as explicações para os problemas levantados, devemos concluir que este é mais um dado que corrobora os anteriores, bem como reforça as teses dos investigadores, e a nossa aqui já explicitadas, pois a mudança significativa na disposição para atitudes empáticas ocorreu justamente no período de domínio da absorção da microinformática e da internet na vida dos sujeitos da pesquisa. Avançamos muito no desenvolvimento dessas forças produtivas, mas o que fizemos de nós? - Ao descortinar a base axiológica da sociedade contemporânea, Felix Guatarray(1990, p.08) constata:

O planeta Terra vive um período de intensas transformações técnico-científicas, em contrapartida das quais engendram-se fenômenos de desequilíbrios ecológicos que, se não forem remediados, no limite, ameaçam a vida em sua superfície. Paralelamente a tais perturbações, os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração. As redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra frequentemente "ossificada" por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão..." (08)

51 "Compared to college students in the late 1970s and early 1980s, college students today are less likely to agree with statements such as "I often have tender, concerned feelings for people less fortunate than me" (EC) and "I sometimes try to understand my friends better by imagining how things look from their perspective" (PT)."

Enfim, estamos vivendo um bombardeamento da moral, ou melhor, da dimensão axiológica, no qual todo indicio de debate, afirmação ou crítica moral é de pronto etiquetada como conservadora, de teor violento simbólico. Em função disto eu discordo dos pesquisadores da Universidade de Michigan (2010, p.188), para os quais:

Como resultado, nós especulamos que um provável contribuinte para o declínio da empatia é a proeminência crescente de tecnologia pessoal e uso da mídia na vida cotidiana. Claramente, essas mudanças têm fundamentalmente afetado a vida de todos que tem acesso a eles. Com tanto tempo gasto interagindo com outras pessoas on-line, ao invés de diretamente, dinâmicas interpessoais, tais como a empatia, pode certamente ser alterada.⁵²

Pois tenho o entendimento de que o que eles apontam – ainda que indicativamente – como causa, é na verdade o efeito de um modo de ver, de sentir, de interagir, de construir experiências, que nada tem de humano. Como eles mesmo (2010, p.190) afirmam:

Em um sistema de competição e sucesso como aquele construído em faculdades americanas (onde os alunos mostram elevado e crescente narcisismo; Twenge & Foster, 2008), talvez o comportamento narcisista se manifesta de maneiras sutis, tais como, na trapaça, na mentira e na manipulação dos outros para ganhos pessoais. Esses comportamentos estariam todos em linha com uma forte motivação para a realização e um declínio correspondente na empatia para com os outros.⁵³

Neste sentido, o estudo chinês (2013, p.01) também corrobora os demais estudos, ao descobrirem que:

(...) A manifestação da raiva entre os usuários é significativamente mais elevada do que a alegria, o que indica que a raiva poderia se espalhar mais rapidamente e amplamente na rede. Embora a correlação de tristeza é surpreendentemente baixa e flutuou bastante.⁵⁴

52 “As a result, we speculate that one likely contributor to declining empathy is the rising prominence of personal technology and media use in everyday life. Clearly, these changes have fundamentally affected the lives of everyone who has access to them. With so much time spent interacting with others online rather than in reality, interpersonal dynamics such as empathy might certainly be altered.”

53 “In a system of competition and success like that built into American colleges (where students display high and rising narcissism; Twenge & Foster, 2008), perhaps narcissistic behavior is manifested in subtle ways, such as by cheating, lying, and manipulating others for personal gain. These behaviors would all be in line with a strong achievement motivation and a corresponding decline in empathy toward others.”

54 “(...) the correlation of anger among users is significantly higher than that of joy, which indicates that angry emotion could spread more quickly and broadly in the network. While the correlation of sadness is surprisingly low and highly fluctuated.”

E por que a tristeza não se divulga tanto assim na internet, assim como a raiva? - Porque a notícia triste intima o indivíduo a olhar cuidadosamente o outro, a se interessar, se implicar na dor ou sofrimento alheio, enquanto que a raiva é a expressão de um ataque, da explosão de um sentimento que se cultiva em sua cotidianidade. Ela é sua e não do outro e ela afasta de você o que lhe constrange, ameaça ou fere.

Seja no Facebook nos Estados Unidos da América, seja na Weibo na China, o problema não está simplesmente na ferramenta – ainda que saibamos que ela não é uma tecnologia simplesmente, mas sim uma mercadoria do Capital. Ele reside muito mais, como nos ensina Guatarray, na produção de nossa subjetividade, em nossa percepção da sociedade, da natureza e das ideias. Por isto que ele nos incita a pensarmos a ecologia sob a ótica destes três âmbitos da experiência humana, pois para este autor nenhuma luta ecológica pode ser efetivamente incomoda ao Capital se cair em qualquer dos currais criados por este, tal como vem ocorrendo com a militância de movimentos sociais, de partidos de esquerda Neste sentido, justifica o autor(1990, p.23/4) sua proposta:

As relações da humanidade com o socius, com a psique e com a "natureza" tendem, com efeito, a se deteriorar cada vez mais, não só em razão de nocividades e poluições objetivas mas também pela existência de fato de um desconhecimento e de uma passividade fatalista dos indivíduos e dos poderes com relação a essas questões consideradas em seu conjunto. (...) Na realidade, o que convém incriminar, principalmente, é a inadaptação das práxis sociais e psicológicas e também a cegueira quanto ao caráter falacioso da compartimentação de alguns domínios do real. Não é justo separar a ação sobre a psique daquela sobre o socius e o ambiente. A recusa a olhar de frente as degradações desses três domínios, tal como isto é alimentado pela mídia, confina num empreendimento de infantilização da opinião e de neutralização destrutiva da democracia. Para se desintoxicar do discurso sedativo que as televisões em particular destilam, conviria, daqui para frente, apreender o mundo através dos três vasos comunicantes que constituem nossos três pontos de vista ecológicos.

Pois tanto o real, como sua teórica elaboração estão materialmente e ideologicamente condicionados para sua reprodução. Por isto que pensar divergentemente à sua lógica requer uma salutar desconfiança dos pensamentos e formas de pensamento que estamos acostumados a utilizar na sua critica. Não é sem sentido que princípios e paradigmas contra-hegemônicos passam, via de regra, pelo tragicômico fenômeno de esvaziamento conceitual, caindo na vala

comum das novidades, das quais não se pode mais discursivamente evitar, mas cujo uso não é capaz de produzir uma radicalidade axiológica antinômica ao Capital.

Como bem destaca Guatarry, há um sério problema de percepção. Enquanto não nos libertarmos dos vícios perceptivos formados na cotidianidade do Capital, não estaremos em condições de nos apropriarmos de qualquer ideia, princípio ou paradigma contrario à sua lógica. Pensar sistemicamente o real, apreender sua dialética e reproduzi-la em nosso pensar, é pressuposto para uma compreensão ecológica emancipatória. Neste sentido, Elionor Ostrom, cientista política norte-americana da Indiana University e premio Nobel de Economia defende a tese de que não se trata mais de vermos a Natureza de um lado e a sociedade de outro, pois hoje, mais do que nunca precisamos pensar em sistemas socioecológicos, e se queremos enfrentar efetivamente os problemas ecológicos devemos contemplá-los policentricamente. Por isto que para Ostrom (2009):

Todos os recursos utilizados humanamente são incorporados em sistemas socioecológicos complexos (SES). SES são compostos de múltiplos subsistemas, e as variáveis internas dentro destes subsistemas são compostos de múltiplos níveis análogos aos organismos compostos de órgãos, tecidos, órgãos de tecidos de células, as células de proteínas, etc.⁵⁵

Do micro ao macro o real se constitui de múltiplas dimensões, constituídas de múltiplas totalidades. Em função desta incompreensão, Otsdrom(2009) constata que:

Sem um quadro para organizar as variáveis relevantes identificadas em teorias e pesquisas empíricas, o conhecimento adquirido isolado a partir de estudos de diversos sistemas de recursos em diferentes países por cientistas biofísicos e sociais não possam ser acumulados.⁵⁶

E assim, um vasto conhecimento científico produzidos por um sem numero de pesquisadores dos mais diversos ramos da ciência, torna-se, por sua fragmentariedade, impotente para possibilitar uma efetiva compreensão e intervenção no real. E em função da fixação neste paradigma científico limitante,

55 "All humanly used resources are embedded in complex, social-ecological systems (SESs). SESs are composed of multiple subsystems and internal variables within these subsystems at multiple levels analogous to organisms composed of organs, organs of tissues, tissues of cells, cells of proteins, etc (...)"

56 "Without a framework to organize relevant variables identified in theories and empirical research, isolated knowledge acquired from studies of diverse resource systems in different countries by biophysical and social scientists is not likely to cumulate."

não só a ciência, mas a vida humana e a vida em geral fica comprometida em sua possibilidade de qualificação.

Da mesma forma, a função das tecnologias enquanto produto do trabalho intelectual e manual humano é servir à emancipação da espécie humana, à sua autorrealização. E se a sociabilidade – ser um ser social - é um dos atributos humanos, qualquer tecnologia que ao ser utilizada, reproduza a alienação do ser humano, estará obstruindo a realização plena desse atributo humano. Sendo assim, a ciberdependência longe de ser um alívio das determinações alienantes do Capital sobre a existência humana, nada mais é que uma apinéia na própria alienação.

Uma das provas de que a liberdade propiciada pelo ciberespaço é muito mais um atributo que uma realidade objetiva, é que a proximidade propiciada por ele ao invés de ter como consequência a aproximação dos seres humanos, tem em si um claro antagonismo, produzido pela liquidez das relações, bem como pelo maior distanciamento dos distantes. Contraditoriamente, por termos a certeza de que a tecnologia nos possibilita entrar em contato a qualquer momento com quem quer que seja, mantemos nossos vínculos afetivos do pretérito distantes de nós. Antes escrevíamos cartas, agora, por não precisarmos mais delas, e termos certeza de que podemos nos relacionar com os distantes como se fôssemos próximos, mantemos a distância que a carta era capaz de encurtar. Parece que não sabemos o que e como fazer com a pretensa liberdade que conquistamos e a quantidade excessiva de informações. E por quê? - **Carência de autonomia reflexiva e axiológica.**

Mas não é o crescente, porém controlado número de informações disponíveis no ciberespaço que ameaça a autonomia reflexiva do ser humano. Como nos ensina Gomes, o problema sob o atual paradigma não é a quantidade de informações, nem a seletividade em si, pois ainda que tenhamos os nossos critérios, eles só reproduzem o mundo a partir de nossos interesses egocêntricos. Com singular lucidez Gomes(2007, p.16) assim pondera:

Muitos apontam a seletividade de informação como um caminho e um objetivo para a educação para as tecnologias mais modernas, mas essa proposta é feita sob a concepção de que as pessoas serão consumidoras de informação. Esse foi o modelo da primeira metade do século XX, da indústria cultural e da sociedade de consumo. Entretanto, o século XX deixou como herança a evidência de que cada pessoa pode ser criativa, o que significa que o melhor critério de seleção para a informação é perguntar: o que você vai criar com o que pretende obter?

E a única maneira de tratar a criatividade de forma desalienante é colocá-la a serviço da emancipação humana. E não se faz isto sem que estejamos desprovidos de qualquer sentimento de posse (propriedade privada), visto que sua existência implica na subordinação do ser humano à posse, tornando-se assim o bem (material ou imaterial) sujeito da relação e este o objeto.

Poder se relacionar com as coisas, com a natureza e com o próprio ser humano sem mediações que subordinem o humano a qualquer elemento de natureza antagônica a ele, é da inerência do ser humano. A propriedade não é problema, mas sim solução para a realização do ser humano. O problema surge com a privatização da propriedade. Propriedade vem de próprio, e neste sentido, é necessário que o ente externo ao indivíduo humano seja próprio a ele, ou seja, sua extensão. O seu estranhamento começa quando o ente externo a ele lhe é alienado. Sendo assim, cabe a nós nos indagarmos sobre o que pretendemos com os saberes tecnológicos que nós apropriamos e produzimos, a fim de desvendarmos o sentido axiológico de nossas buscas.

A Ecologia Social desenhada pelo uso das tecnologias mais modernas na sociedade contemporânea tem cada vez mais tornado explícito o quanto está objetivamente posto a possibilidade da realização do ser humano, mas por outro lado, esta mesma realidade tem demonstrado a força da dupla alienação do ser humano: A alienação enquanto infraestrutura gerada pelas relações sociais de produção capitalistas, e que é imposta a todo indivíduo, e auto-alienação do ser humano pela assunção dos atributos do Capital como princípios de vida.

Mas essa mesma ecologia carrega em si contradições que devem ser exploradas pelos indivíduos compromissados com a luta pela emancipação do ser humano. A despeito do Capital impor sua lógica pela hegemonia de todos aqueles que

aderem à mesma, apesar de ser força determinante, não tem qualquer poder determinístico sobre a práxis social de cada um de nós, pois o sujeito da práxis é sempre o indivíduo. Se assim não o fosse não seriam ontologicamente um ser livre.

A luta contra a alienação não se resume à luta contra a auto-alienação, pois a alienação não é nem simplesmente ideológica, nem é de fórum individual. Ela é uma produção do real, constituinte da materialidade capitalista. Por isto que sua superação só pode dar-se coletivamente, pela maioria das práxis sociais. No entanto, o surgimento de uma práxis social coletiva emancipatória não é produto de uma geração espontânea, ou seja, ela depende da decisão dos indivíduos de constituírem sua práxis sociais orientadas para a emancipação humana. Para que isto ocorra, é necessário que cada um de nos busque conhecer o real no qual se faz e desta forma conhecer a si mesmo, pois sem este conhecimento é impossível a luta contra a auto-alienação. Nesta direção, Guatarry (1990, p.9) refletindo sobre a possibilidade de enfrentamento da crise ecológica, nos indica os domínios que devemos cuidar para que consigamos contribuir para o estabelecimento de uma Ecologia Social Humanizante:

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. **Esta revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo.** (Destaque meu)

E ai está o grande desafio posto por nós na contemporaneidade, superar o desejo criado de nos satisfazermos com a reprodução dos atributos do Capital em nossas práxis sociais. Com a sensibilidade vinculada ao ter, ao prazer imediato propiciado pelas coisas ou pela coisificação do humano, o indivíduo não se reconhece em sua ontologia, perdeu-se de si mesmo enquanto espécie. O que fazer para despertar em nos o que não queremos, fazer emergir o desejo que constrange “ nossa” realização nas coisas, e ampliar nossa reflexão perceptual do real brutalmente restrita aos horizontes de reprodução do Capital? - Por onde caminhar na construção cotidiana de uma Ecologia Humana na Contemporaneidade?

4. REFERENCIAS:

ANDRADE, Luiz Adolfo. **Jogos Digitais, Cidade e {Trans}Midia** – A próxima fase. 1ed. - Curitiba: appris, 2015.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CARPENTER, Christopher. Narcissism on Facebook: Self-promotional and anti-social behavior, **Personality and Individual Differences Journal**, Volume 52, Issue 4, Pages 482–486, March 2012. Disponível em: <<<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0191886911005332>>>. Acesso em: 03/08/2015.

KONRAD, Sara H. ; O'BRIEN Edward H.; and HSING, Courtney. Changes in dispositional empathy in American college students over time: a meta-analysis, **Personality and Social Psychology Review**, 15:180, 05 aug. 2010. Disponível em: <<<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20688954>>>. Acesso em 03/08/2015.

FORIGO, . A Tese de Francis Fukuyama acerca do Fim da História e a Ditadura Militar Brasileira, **Revista Unicuritiba**, vol. 02, no. 14, 2011. Disponível em: <http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RIMA/article/view/203/175>. Acesso em: 20/01/2014.

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia do Oprimido**. 17^a. Edição. Rio de Janeiro, 1987.

GOMES, Paulo De Tarso. A Sociedade da Comunicação e seus Processos Constituintes: Ciberespaço, Comunidades E Ontologias. **Anped**. Disponível em: <Http://30reuniao.Anped.Org.Br/Trabalhos/Gt16-3323—Int.Pdf>. Acesso em: 20/01/2014.
<http://30reuniao.Anped.Org.Br/Trabalhos/Gt16-3323>

GUATARRY, Félix. **As três ecologias**. Campinas, Sao Paulo: Papirus, 1990.

KE XU et all. **Anger is More Influential Than Joy**: Sentiment Correlation in Weibo. Disponível em: <<<http://arxiv.org/pdf/1309.2402.pdf>>>. Acesso em 03/08/2015.

KROSS, Ethan. Facebook Use Predicts Declines in Subjective Well-Being in Young Adults, Michigan, **PLoS ONE**, vol. 08, aug. 2013. Disponível em: <<<http://dx.doi.org/10.1371%2Fjournal.pone.0069841>>>. Acesso em: 03/08/2015.

MARQUES, Juracy. **Ecologia da Alma**. Petrolina: Franciscana, 2012.

MARX, K.; ENGELS, F. . **Die Deutsche Ideologie**. In: Marx-Engels Gesamtes Werk. Band 3. Berlin: Dietz Verlag, 1968a.

MARX, K.; ENGELS, F. **Die Pariser Manuskripten**. Berlin: Dietz Verlag, 1968b.

MARX, K.; ENGELS, F. **Das Manifest der kommunistischen Partei**. Berlin: Dietz Verlag, 1968c.

MARX, K., **Die Grundrisse der politischen Ökonomie**. Berlin: Dietz Verlag, 1968d.

OSTROM, Elinor. A General Framework for Analyzing Sustainability of Social-Ecological Systems, **Science**, Vol. 325 no. 5939 pp. 419-422, 24 July 2009. *Disponível em: <<<http://www.sciencemag.org/content/325/5939/419.full>>>. Acesso em: 03/08/2015.*